



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 13 – Ano VII – 05/2018
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

O CONTEXTO SOCIAL E EDUCACIONAL NAS VEREDAS DO VALE DO JEQUITINHONHA

Prof^a. MSc. Lucirleia Alves Moreira Pierucci
Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas
Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas
Docente colaboradora voluntária Curso de licenciatura em Ciências Biológicas da
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM
<http://lattes.cnpq.br/9410751992284850>
E-mail: lucirleia.pierucci@ufvjm.edu.br

Prof^a. Dr^a. Juliana Franzl
Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP),
Docente da Universidade Federal da Integração Latino-Americana -UNILA - Foz do
Iguaçu - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/0814985490012311>
E-mail: jul.franzi@gmail.com

Prof^a. Dr^a. Joselia Barroso Queiroz Lima
Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá
Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
<http://lattes.cnpq.br/9424068878071811>
E-mail: Joselia.barroso@ufvjm.edu.br



Figura 1. Vale do Jequitinhonha¹.

Como destaca João Valdir Alves de Souza (2003), “o Vale do Jequitinhonha se caracteriza pela dificuldade de acesso tanto a fontes primárias quanto secundárias” (p.2). Ao trazer à luz a consideração de Souza (2003), iniciamos relatando nossa dificuldade de levantamento de dados que favorecessem uma compreensão mais profunda sobre a região. Assim, cabe ressaltar junto ao autor que:

Há uma profunda carência de arquivos públicos. Exceto em Diamantina, onde há a Biblioteca Antônio Torres e o arquivo do Palácio Arquidiocesano, e no Serro, com o Museu Casa dos Otoni, em nenhum outro lugar há um arquivo público relevante que concentre fontes primárias de pesquisa no nordeste de Minas. Isso faz com que essas fontes estejam dispersas junto a pessoas da comunidade ou em arquivos particulares. A “operação historiográfica”, neste caso, tem que ser realizada a partir de indícios, em decorrência da escassez de dados. Ressalte-se, também, o descuido em relação à preservação dos documentos históricos, cujo destino tem sido a fogueira, o lixo ou os porões mofados, onde estão aos cuidados das traças, das baratas e dos ratos (SOUZA, 2003, p. 2-3).

¹ Fonte: Portal Pólo Jequitinhonha UFMG, 2014. O Vale é dividido em três regiões: alto, médio e baixo Jequitinhonha. Nele encontram-se três importantes Biomas registrados no Brasil: o Cerrado, a Caatinga e a Mata Atlântica. Esse trabalho se desenvolveu na região do alto Jequitinhonha.

A despeito das dificuldades de levantamento dos dados, apresentamos algumas reflexões que, sobretudo, visam caracterizar o contexto social e educacional no Vale do Jequitinhonha, trazendo à tona não somente suas mazelas, mas também sua riqueza cultural. Vejamos.

O contexto educacional no Vale do Jequitinhonha

A história de Minas Gerais, em todas as suas fases, passa pelo Vale do Jequitinhonha: desde as grandes Bandeiras do século 17, a época do ouro e do povoamento, até a era do diamante no século 18. A maioria das cidades do Vale foi criada em virtude da exploração de minerais, surgindo daí o nome de cidades como Minas Novas, Diamantina, Pedra Azul, Berilo, Turmalina, Malacacheta etc. (DALGLISH, 2015).

O Vale do Jequitinhonha é composto por 51 municípios, agrupados nas seguintes microrregiões: Diamantina, Capelinha, Araçuaí, Pedra Azul e Almenara e está localizado na porção nordeste do Estado de Minas Gerais. Tal região foi rotulada pela Organização das Nações Unidas em 1974 como o Vale da Miséria, marcado pelo semiárido e por graves problemas sociais, caracterizando-se como uma das regiões de maior concentração de miséria no Brasil e no mundo. Com explicam Bronzatto et al. (s/d), segundo a “Carta de Almenara”, compilação final do Seminário Regional, realizado no município de Almenara-MG em maio de 1994:

cerca de 25% das ruas das cidades do Vale não possuem iluminação e calçamento, em 50% das casas não existe água encanada e 85% das residências não têm esgotamento sanitário. O número de médicos disponíveis é 10 vezes menor que no restante do Estado de Minas Gerais, a taxa de mortalidade infantil chega a 80 crianças mortas para cada 1.000 nascidas vivas. Segundos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), citado por Garcia (2001), cerca de 50% da população do Vale do Jequitinhonha é analfabeta. (BRONZATTO et al., s/d)

O Vale é a segunda Mesorregião com maior número de Comunidades Quilombolas (com 115 comunidades) com participação total de 22,73% do total do estado, ficando atrás apenas da Mesorregião vizinha Norte de Minas (com 167

comunidades) e com participação total de 33% (CEDEFES,2014)², quanto a presença de povos indígenas atualmente o Vale possui comunidades de Maxakalí (aproximadamente pouco mais de mil pessoas) Pataxó, Pankararu (pouco mais de 120 pessoas), Aranãs (aproximadamente 1507 pessoas) com dados dessas comunidades ainda imprecisos por falta de fonte documentais (SOARES, 2000). Segundo dados da Pesquisa por Amostra de Domicílios de Minas Gerais (PAD/ MG, 2009), o Vale ainda tem o maior percentual de domicílios beneficiários com o Programa Bolsa Família³ do estado cerca de 24% de suas famílias são beneficiadas, aparece também como a região com maior número de analfabetos com quase 27% de analfabetismo, assim 1 pessoa em cada 4 em condições de se alfabetizar não sabem ler ou escrever.

Como reflexo desses indicadores, os dados educacionais também revelam a necessidade de atenção para com a região no sentido de efetivamente promover o acesso educacional e uma educação de qualidade. Tomando os dados relativos à alfabetização por exemplo, verificamos a seguinte configuração no que concerne ao estado de Minas Gerais, em 2009 (PAD-MG) o percentual era: Triângulo Mineiro de 8,0%, Região Central de 8,1%, a Região Sul 8,1%, Zona da Mata 8,6%, Região do Alto Paranaíba 8,9%, Região do Centro-Oeste 9,0%; Rio Doce 11,3%, Norte 12,1%, Noroeste 12,3%, Jequitinhonha/Mucuri 19,4% (SANTOS, RODRIGUES, PALES, 2013). Portanto, a região do Vale do Jequitinhonha e Mucuri apresenta maior taxa de analfabetismo se comparada a demais regiões mineiras.

Movimentos de resistência: a cultura própria do Vale do Jequitinhonha

Apesar do quadro anteriormente apresentado ser para muitos desfavorável, existem movimentos culturais, artísticos e sociais que lutam para que essa região fique conhecida como o Vale da Esperança. Neste sentido, tais movimentos dão vozes aos coletivos sociais, aos saberes que, historicamente foram silenciados pela

² Disponível em: <http://www.cedefes.org.br/projetos/sao-domingos>

³ Estudo realizado por Rego e Pinzani(2014) demonstram que o programa do Bolsa Família, no Vale do Jequitinhonha, ainda é significado como programa assistencialista, e não, percebido como política de inclusão social. Ao pesquisar e ouvir as múltiplas vozes, o estudo revela como via programa há reversão no quadro de pobreza, sobretudo no que tange a educação dos filhos, mas há ainda muito a se caminhar quanto a consolidação da política social como direito.

exploração e pelo domínio colonizador e escravocrata. Na ruptura com a ideologia silenciadora da pobreza, que oculta a histórica exclusão social, os movimentos revelam a ação cotidiana, saberes, valores das pessoas e das relações sociais que construíram o Vale do Jequitinhonha como território simbólico, diverso e culturalmente múltiplo. Nesse contexto, este texto, de certo modo, visa dar voz à educação escolar, colocando em análise silêncios ideológicos que impondo saberes sobre as comunidades tradicionais do Jequitinhonha (negros e indígenas), negam os saberes aprendidos.

Nessa direção, o Coral *Araras Grandes*, de Araçuaí, existe desde 1997 e utiliza em suas apresentações canções populares e danças folclóricas da região do Norte de Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha. Em suas apresentações, as *Araras Grandes* são compostas por integrantes do Ícaros do Vale e membros da comunidade de Araçuaí, com idade entre 12 e 60 anos. Em seu repertório regional estão canções religiosas e profanas, canto de boiadeiros, canto de lavadeiras "poemas de autores nacionais que desvelam o trabalho, a beleza e a vida no sertão"⁴ e tem uma postura política e declarada de oposição a essa visão de Vale da Miséria como essa música gravada pelo grupo brasileiro Titãs:

(...)
A morte não causa mais espanto
O Sol não causa mais espanto (...)
Miséria é miséria em qualquer canto
Riquezas são diferentes
Cores, raças, castas, crenças
Riquezas são diferenças
Índio, mulato, preto, branco
Filhos, amigos, amantes, parentes
Fracos, doentes, aflitos, carentes
Cores, raças, castas, crenças
Em qualquer canto miséria
Riquezas são miséria
Em qualquer canto miséria

Inspirada pelo canto das *Araras Grandes*, lançar o olhar para a(s) infância(s) de professoras e crianças do ensino fundamental pode contribuir para a desconstrução da percepção que foi construída e aceita socialmente de um Vale da Miséria no Norte de Minas, mostrando que o Vale tem riquezas, "que são

⁴ Fonte: <http://www.aracuaisustentavel.org.br/index.php/2012-06-19-18-00-21/2012-06-19-18-06-31/2012-06-20-17-45-16.html>

diferenças"! Sabemos, por alguns dados oficiais, que as crianças até seis anos representam cerca de 10% da população brasileira, contudo a concentração da pobreza extrema está em cerca de 17,4% do total de indigentes, justificando, assim, a necessidade de políticas públicas para o enfrentamento do problema da fome e da extrema pobreza na primeira infância⁵. Como nos propõe o jornalista e escritor uruguaio, Eduardo Galeano,

na América Latina, crianças e adolescentes somam quase a metade da população total. A metade dessa metade vive na miséria. **Sobreviventes:** na América Latina, a cada hora, cem crianças morrem de fome ou doença curável, mas há cada vez mais crianças pobres em ruas e campos **dessa região que fabrica pobres e proíbe a pobreza**. Crianças são, em sua maioria, os pobres; e pobres são, em sua maioria, as crianças. E entre todos os reféns do sistema, são elas que vivem em pior condição numa sociedade que as espreme, vigia, castiga e às vezes mata: **quase nunca as escuta, jamais as compreende**. (GALEANO, 2007, p.13, grifos nossos).

Galeano (2007) destaca ainda que o mundo ao avesso "nos adentra para ver o próximo como uma ameaça e não como uma promessa", na escola do mundo ao avesso "são obrigatórias as aulas de impotência, amnésia e resignação", afinal "dia após dia nega-se às crianças o direito de ser crianças".

O documentário "Escolarizando o Mundo - O último fardo do homem branco" (2010), uma co-produção americana e indiana, dirigido e editado por Carol Back, alerta para uma nova forma de se enxergar a realidade do processo de escolarização a que somos submetidos e que submetemos as crianças de todos o mundo, principalmente o fato da educação escolar servir, ao longo dos últimos séculos, à colonização, à homogeneização cultural em várias partes do mundo, e em especial nos países ditos "menos desenvolvidos", ou "em desenvolvimento".

⁵ Dados fornecidos no Plano Brasil sem Miséria e Brasil carinhoso. Disponível em: <http://www.brasilsemmiseria.gov.br/noticias/ultimas-noticias/2014/novembro/brasil-carinhoso-retira-8-1-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-da-extrema-pobreza>.



Figura 2. Composição imagética por Lucirleia Pierucci (2015)

Tal documentário apresenta uma pesquisa histórica, documental e os relatos dos familiares e dos jovens que saíram de seus vilarejos para estudar e estão há mais de 10 anos fora de casa, destituídos de sua língua, sua cultura, dos saberes ancestrais.

Adriana Silva em sua tese de doutoramento "A estética da infância no cinema: poéticas e culturas infantis" (2014), onde estabeleceu três perspectivas filmes com as crianças, filmes das crianças, e filme para as crianças, ela salienta que as

(...) estéticas cinematográficas que são construídas pelos/as adultos/as (que dominam a técnica, uma vez que cinema é um instrumental tecnológico e são os/as diretores/as e produtores/as dos filmes) com as crianças, em parceria, sinergia, relacionando-se com as crianças, aquilo que metaforicamente sugeri como processos antropofágicos e alquímicos. (idem, 2014, p.194)

Assim, esse documentário com crianças, destaca e denuncia o uso

deliberado da escolarização pelos Estados Unidos e pela Inglaterra no período colonial, por meio de uma vigorosa discussão promovida entre os depoentes⁶.

Segundo apontou em seu depoimento, o antropologista Wade Davis da National Geographic Society, uma cultura ancestral poderia ser comparada a um ecossistema, uma rede complexa de relações entre seres humanos e a terra onde eles vivem, sendo assim, como em qualquer ecossistema cada um desses elementos, estaria intrinsecamente interligado com todos os outros e, como em qualquer ecossistema, certas mudanças repentinas tem efeitos imprevisíveis. No caso, os efeitos devastadores de uma aculturação, do '(des)raizamento' da criança de suas raízes, deixando-as destituídas de valor, uma vez que, o valor está na cultura do outro, do dominante, do que escolhe os conteúdos e os currículos escolares.

Já em seu depoimento, Helena Norberg (2010) afirma no documentário que se olharmos honestamente as formas tradicionais de educação e se as compararmos com as do sistema de educação moderno atual, poderemos ver que as formas tradicionais de conhecimento eram sustentáveis, conheciam seu clima, solo, água, e conseguiram sobreviver independentemente, sendo responsáveis por suas próprias vidas, por geração após geração. Ela reitera que na economia moderna e com o sistema educacional moderno, as crianças são obrigadas a ignorar esse conhecimento adquirido por essas gerações e ao invés disso, elas aprendem basicamente como usar produtos corporativos em uma cultura urbana de consumo. Então, uma vez educadas nas escolas ditas 'modernas', elas literalmente não sabem como sobreviver em seu próprio meio-ambiente, ou valorizar sua cultura.

Segundo Faria (2002) em uma citação em nota de rodapé que acompanha o fragmento citado, "Diz Fernandes (1979:378-388) (..) um único folguedo pode pôr a criança em contato com quase todos os valores e instituições da comunidade de modo simbólico, em seus grupos (...) O desejo comum de brincar, o contínuo trato com as mesmas crianças, a preferência por certos tipos de jogos, sua livre escolha, a liberdade de que goza nesses momentos e o interesse que lhe desperta o brinquedo em bando conduzem a criança à formação das primeiras amizades, dando-lhe a noção da posição

⁶ Entre os convidados para compor o documentário estão: Wade Davis, da NationalGeographicSociety; Helena Norberg- Hodge, da *The InternationalSociety for EcologyandCulture* (ISEC);VandanaShiva, da Navdanya – *Foundation for Science, Technology andEcology* (RFSTE); ManishJain, da Shikshantar - *The People'sInstitute for RethinkingEducationandDevelopment*; e DolmaTsering, líder na Aliança das Mulheres de Ladakh

social. Nesse grupo, começa o contato com o meio social, de maneira mais livre e íntima.”. (SILVA, 2014 , p.111)

Ao assistir o documentário, a cena das idosas relatando o sofrimento de estar longe dos filhos, que foram estudar e que não voltam mais, nos permite relacionar com uma reportagem de 2014 intitulada "Ameaçados ao nascer: uma cultura morrendo de sede"⁷ na qual uma lavradora e artesã Clemilde da Conceição Reis Vitor, de 56 anos, uma das líderes da comunidade do Baú remanescente de quilombo, que fica na região do Serro, descreve a atual situação:

A gente se juntava para lavar roupa no rio, cantando as canções que os antigos nos ensinaram. Mas agora, se a gente usa essa água fica com dor de barriga, adoece e pega mancha na pele (...) a gente só cantava quando ia para a plantação e um ajudava o outro ou na beira do rio. E isso está acabando. (trecho da reportagem, 2014).

Em outro trecho, a artesã Vera Vicentina da Conceição Paulino, de 50 anos, faz a seguinte alerta: “Nossos jovens estão indo embora. Não querem ficar onde não dá para plantar e onde a gente não tem tantas opções”. Assim como observamos no documentário, esse processo de aculturação escolar, de massificação, nos afeta diretamente quando percebemos que as culturas tradicionais estão desaparecendo. Vera continua

(...) antigamente, a gente passava por uma estrada de terra para chegar à nascente do Rio Jequitinhonha. Hoje tem asfalto. As fazendas e a cidade estão derrubando as matas que a gente conhecia. Os pássaros que a gente via e depois bordava nas colchas e panos, os peixes que enfeitavam nossas rendas, tudo está acabando aos poucos. Como é que uma pessoa que nunca viu um pássaro vai bordar um? (trecho da reportagem, 2014).

Poderia ser possível fazer um paralelo com as duas realidades, a da Índia, apresentada no documentário, e a do Vale do Jequitinhonha? Talvez seja possível!? Principalmente se quisermos pensar sobre as possíveis armadilhas de um currículo único e universal para as escolas. Conforme nos aponta Helena Norberg no documentário (2010) o objetivo de “treinar pessoas para empregos escassos em uma cultura urbana e de consumo”, a faz considerar esse processo de escolarização “moderna” e ocidental como central na introdução de uma “monocultura humana”.

⁷ Blog dos alunos da Universidade Salgado de Oliveira, Campus Belo Horizonte, Curso de Direito. Disponível em: <http://universobh.wordpress.com/tag/vale-do-jequitinhonha/>. Abril de 2014.

Por meio desse modelo de escolarização, colocamos em “risco a diversidade de culturas e a diversidade de indivíduos únicos”. Alguns dados apontam para a existência de cerca de 400 comunidades quilombolas no Estado de Minas Gerais, sendo que 105 delas estão no Vale do Jequitinhonha, de acordo com informações do Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES)⁸ e da Comissão Pró-Índio de São Paulo⁹.



Figura 3. Composição imagética Lucirleia Pierucci (2015) - fotografias de quilombolas (CEDEFES)¹⁰

⁸ "Organização Não-Governamental, sem fins lucrativos, filantrópica, de caráter científico, cultural e comunitário, de âmbito estadual, com sede e foro na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil. O nome escolhido para o Centro, fundado em 1985, é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador rural e sindicalista, assassinado em 16 de dezembro de 1984, no Vale do São Francisco, Minas Gerais". Disponível em: http://www.cedefes.org.br/index.php?p=inst_apresentacao. Essa organização tem o apoio da Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais – N'Golo (Dança da Zebra), criada no ano de 2005.

⁹ No Site oficial da CPISP é possível pesquisar as comunidades por estado, ler as entrevistas realizadas com mulheres quilombolas, . Disponível em: http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/i_brasil_mg.html.

¹⁰ "Organização Não-Governamental, sem fins lucrativos, filantrópica, de caráter científico, cultural e comunitário, de âmbito estadual, com sede e foro na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil. O nome escolhido para o Centro, fundado em 1985, é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador rural e sindicalista, assassinado em 16 de dezembro de 1984, no Vale do São Francisco, Minas Gerais". Disponível em:

Na contramão dessa formação escolar dominante, que culmina nessa 'monocultura humana', trazemos a perspectiva de Antonio Miguel (2012, 2014), Miguel, Vilela e Moura (2010), Moura e Nakamura (2012), que em seus trabalhos têm argumentado a favor da possibilidade de desconstrução desses regimes disciplinares seculares dos processos escolares de mobilização cultural, que culmina nesse *desvio cultural* escolar. Vislumbrando outras possibilidades para regimes não uniformizadores de mobilização cultural escolar noções wittgensteinianas interconstitutivas de jogos de linguagem e usos da linguagem, produzindo *projetos indisciplinados*, Miguel (2012) descreve o que ele afirma ser o

momento da inversão (...) dos pólos da hierarquia que opõe, por submissão, anti-disciplinaridade à disciplinaridade leva, necessariamente, a reconhecer como legítimas todas as formas de produção de saberes por parte de comunidades de prática constituídas mediante quaisquer tipos de vínculos, e não apenas por comunidades consideradas 'científicas'. Já o momento de deslocamento dessa inversão nos remete a pensar de outras maneiras processos escolares de mobilização cultural. (MIGUEL, 2012, p.000149) (grifo do autor).

Desconstruir essa cultura é o objetivo da problematização indisciplinar de práticas socioculturais inspiradas pelas contribuições da terapia filosófica wittgensteiniana,

(...) uma coisa seria observar uma criança realizando a prática cultural de amarrar os seus sapatos e outra, bem diferente, seria pedir-lhe para que lesse um texto no qual esta mesma prática estaria sendo descrita ou referida, de algum modo. A diferença entre as duas situações não é a de que, no primeiro caso, a criança estaria – fora de um campo discursivo- agindo sem pensar e, no segundo – exclusivamente em um campo discursivo- pensando sem agir. Ao contrário, compreendemos que, nas duas situações, a criança estaria tanto participando de jogos de linguagem, no sentido de Wittgenstein, quanto realizando práticas discursivas, no sentido de Foucault, quando, ainda, mobilizando e, portanto, realizando práticas socioculturais concebidas de um modo próximo àquele que tanto nós, como também Schatzki (1996, 2001) com base em Wittgenstein, as concebe. (MIGUEL, 2012, p. 000157).

http://www.cedefes.org.br/index.php?p=inst_apresentacao. Essa organização tem o apoio da Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais – N'Golo (Dança da Zebra), criada no ano de 2005.

No entanto, as práticas escolares comumente presentes nos anos iniciais do Ensino Fundamental mantêm a ênfase na disciplinarização do conhecimento, tornando-se um reflexo das práticas curriculares das etapas finais da educação básica, “embora reconheçamos que há tentativas de relacionar os conteúdos curriculares mediante uma abordagem interdisciplinar e de contextualização, tais práticas, por exemplo, acabam por **não questionar o estatuto disciplinar do currículo**” (NAKAMURA; MOURA, 2012, p. 004406, grifo nosso). Como se certas práticas pedagógicas instituídas na cultura escolar, perpetuassem que os conceitos têm por si só, uma espécie de ‘essência’ a ser incorporada de maneira gradativa e sequencial pelos alunos num processo de reprodução e disciplinarização do conhecimento.

Dessa forma, desconstruir essa cultura escolar dominante seria o objetivo dessa problematização de práticas socioculturais por meio de práticas não escolares na escola, num exercício terapêutico, tomando como suporte a concepção de filosofia como um empreendimento terapêutico Miguel et al. (2010) sugere uma estratégia pós-metafísica da desconstrução que

(...) a problematização indisciplinar ou transgressiva (...) na escola aparece, sem temer uma provável contradição que esse modo de denominar o procedimento possa sugerir, não só como um **procedimento didático-metodológico nômade**, como também desconstrutivo, voluntariamente **horizontalizar** (não no sentido de planificar, mas no de “abrir horizontes”) oposições e hierarquias instaladas entre campos culturais disciplinares e transgredir fronteiras estabelecidas, a fim de reconhecer como igualmente legítimas, do ponto de vista da ação educativa, atividades e práticas que, por quaisquer razões, não tenham alcançado o estatuto disciplinar. (MIGUEL et al., 2010, p. 189, grifos dos autores).

Neusa Gusmão (1997, 1999, 2010), por sua vez, destaca em seus trabalhos a necessidade de uma maior interface entre antropologia e educação, e problematiza que alguns aspectos como a linguagem, cultura (determinada socialmente) e alteridade devem compor o eixo de um debate sobre a infância e a criança portadora de certas marcas sociais e étnicas, afinal, nós criamos as “imagens do outro”, as fronteiras estabelecidas dentro da escola, apontadas por Miguel (2010).

Crianças pobres de periferia urbana e do meio rural, crianças brancas, negras e mestiças e, ainda, crianças de rua, **emprestamos suas falas e imagens construídas com desenhos, para expressar a sua percepção do meio em que vivem.** Tais expressões referem-se também a escola que aí está, a seus processos e agentes para dizer, por meio de outras linguagens, como olham seu mundo e como são olhados por ele (GUSMAO, 1999, p.41, grifo nosso).

As tentativas de aprisionamento da infância pelos saberes, práticas e instituições nos lugares que organizamos socialmente para "albergá-las" tais como a casa, a escola, a família, entre outros, contudo, apesar dessas tentativas de encarceramento, "a infância é o outro", o que não conseguimos capturar, o inseguro, o desconhecido, a inquietude, o vazio.

E se a presença enigmática da infância é a **presença de algo radical e irredutivelmente outro, dever-se-á pensá-la à medida que sempre nos escapa:** à medida que inquieta o que sabemos (**e a soberba de nossa vontade de saber**), à medida que suspende o que podemos (**e a arrogância de nossa vontade de poder**) e à medida que coloca em questionamento os lugares que construímos para ela (**e a presunção de nossa vontade de abarcá-la**). **Aí está a vertigem:** na maneira como a alteridade da infância nos leva a uma **região na qual não regem as medidas de nosso saber e de nosso poder** (LARROSA, 1998, p 02, grifo nosso).

Se a infância é *o outro* dos nossos saberes, em certa medida, podemos ter em nós os rastros desse outro, numa perspectiva de Jacques Derrida, esse outro não passa de um rastro entre outros rastros, sempre aparecendo de modo espectral, como um fantasma, nem presença, nem ausência, um quase, a ideia da noção de "rastro" como desconstrução do conceito de signo (DERRIDA, 1999). De acordo com a antropóloga social Renata Apgaua (2004), que entende o processo de produção da identidade e da diferença não dual, que se abre em possibilidades para o encontro com o rastro do outro. Essa construção da identidade se daria com o encontro, com o contato dos nós com a diferença, com o outro, que é a fronteira.

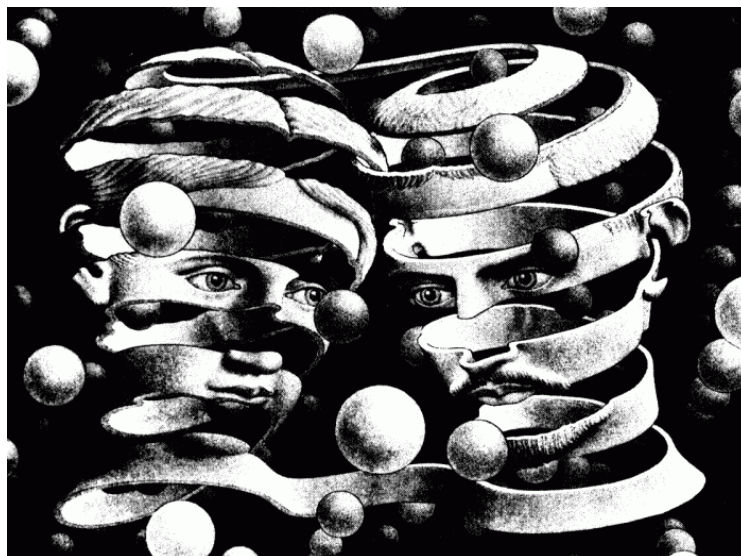


Figura 4. Escher- bond of union, 1956.

Nesse sentido, assim como essa pintura de Escher (1956), essa fronteira que se dá no encontro, no contato do nós (identidade) e com os outros (diferente) eles são produtos de um processo que é anterior, que Apgaua (2004) denomina como sendo o processo de “significação do outro”, depende tanto de uma *operação de diferença* quanto de uma *operação de diferimento* (adiamento). Dessa forma, a criação desse “diferimento” seria expressa na característica de um signo, no caso do Vale do Jequitinhonha, seria a criação da marca da miséria. Assim, a criação desse 'fantasma' da miséria em identidade para o Vale do Jequitinhonha, resulta num processo de 'coisificação'.

Apgaua (2004), discute ainda que esse processo de caracterização de um signo, sinal ou marca, trocaria o que está no lugar do referente que se configurará em 'a coisa', “o rastro do outro, de um outro em nós como traço”. Nesse sentido, o contato, a diferença, a diversidade cultural não seria o ponto de origem, mas sim o resultado de todo um processo marcado por operações de diferenciação, no caso do Vale do miserável, daquele que não teria nada a oferecer, desprovido de cultura, de saberes, de riquezas, de culturas de saberes válidos e valorizados.

Com o 'batismo' de Vale da Miséria, dado pela ONU, o Vale do Jequitinhonha não sofre só com a seca, com a falta de políticas públicas, com a falta de oportunidades para seus moradores, sofre, ainda, com o atributo simbólico que o subjuga. Portanto, é preciso desconstruir esse signo, essa marca da miséria, essa posição hierárquica numa perspectiva derridiana, mostrando as aporias desse

discurso e indicando a violência silenciosa e cruel de sua inscrição no corpo e na alma dessa gente, para que assim possamos todos desnudar quais são as estratégias do poder presentes, seja no simbolismo, seja no olhar e nas práticas políticas e educacionais. Derrida ao refletir acerca dessas relações hierárquicas do pensamento metafísico ocidental, aponta para a necessidade de "inversão" dessas mesmas hierarquias.

Fazer justiça a essa necessidade significa reconhecer que, em uma oposição filosófica clássica, nós não estamos lidando com uma coexistência pacífica de um face a face, mas com uma hierarquia violenta. Um dos dois termos comanda (axiologicamente, logicamente etc.), ocupa o lugar mais alto. **Desconstruir uma oposição** significa, primeiramente, em um momento dado, **inverter a hierarquia** (DERRIDA, 2001, p.48. grifos nossos)

Considerando a lógica da hierarquia ocidental e sua injustiça, Everaldo Batista da Costa (2009) lançou um olhar geográfico sobre Diamantina, apontando em sua dissertação de mestrado um 'perverso' processo de valorização do centro histórico de Diamantina e de precarização dos bairros periféricos, como os bairros denominados Palha, Rio Grande e Bela Vista. O planejamento das elites e para as elites acaba por reforçar um modelo segregacionista e dual entre a valorização do centro histórico do período colonial em detrimento de uma periferia precarizada e excluída, o que colabora para a produção de uma 'noção socioespacial capitalista dos bairros periféricos', proporcionando a ideia de um “desenvolvimento desigual e combinado dessa sociedade, na medida em que o capital destrói e reconstrói os lugares a sua lógica e semelhança” (COSTA, 2009, p.31). Nesse sentido, ao que tudo indica, para o autor, o que tem prevalecido é um “modelo segregacionista de planejamento urbano”. Tendo reconhecido indícios de uma dialética da fragmentação articulada e instaurada nesse território urbano, “detectando a relação direta e interdependência onde a especulação do centro histórico depende da 'precarização' da periferia”, apontando para o que chamou de “dialética da construção destrutiva na consagração do Patrimônio Mundial” que entende a cultura urbana enquanto “valor de uso que é minimizada pela mercantilização que a recria e a maximiza como valor de troca” (COSTA, 2010, p.28).

Aceitando o convite de Costa, para que todos pensem os espaços da cidade

como espaços coletivos, entendemos ser possível pensar e ampliar essa visão para que todo o Vale do Jequitinhonha possa usufruir o seu (ou do) direito ao "uso de espaço e a preservação de seus bens culturais do mundo de forma social, espacial e democraticamente integrada, verdadeiramente participativa (...)" (COSTA, 2010, p.28). Acreditamos que os espaços escolares podem apresentar resquícios dessa dialética das fragmentações, contudo, pode ser um espaço para "um povo que falta" emprestando as palavras do filósofo francês Gilles Deleuze.

Ampliando a mirada: o Vale do Jequitinhonha na dinâmica da colonização latino-americana

O florescente acampamento de Tijuco converteu-se no centro do distrito diamantino, e nele, à semelhança de Ouro Preto, os ricos vestiam a última moda européia e encomendavam roupas do outro lado do mar, como as armas e os móveis mais luxuosos: horas de delírio e desperdício. Uma escrava mulata, Francisca da Silva, conquistou sua liberdade ao converter-se em amante do milionário João Fernandes de Oliveira, virtual soberano de Tijuco, e ela que era feia e já tinha dois filhos, tornou-se a Chica que manda (GALEANO, 1978, p. 65-6).

A trecho acima é parte da obra de Eduardo Galeano (1978), "*As veias abertas da América Latina*". Nele, Galeano apresenta, ainda que sucintamente, a história do município de Diamantina que, no período colonial, foi palco da exploração de diamantes por partes da coroa portuguesa. Nesse local, uma das *veias abertas da América Latina*, que ainda preserva os ranços das relações escravistas, das desigualdades sociais e das relações de exploração situa-se a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Os Vales do Jequitinhonha e Mucuri, que dão nome à Universidade, apresentam – em consonância com diversas outras localidades latino-americanas – um paradoxo entre os seus baixos indicadores sociais, por um lado e, por outro, a sua riqueza cultural, a abundância de recursos naturais e as imponentes e as exuberantes paisagens.

Em tal contexto, visando uma ruptura com os processos de dominação, que marcou nossa História latino-americana, buscamos estabelecer uma relação pedagógica marcada pelo diálogo e pelo respeito às diferenças: uma "pedagógica de

libertação”, consoante nos orienta Enrique Dussel (1977), ou ainda, uma pedagogia que visa a libertação da relação opressor/oprimido, contrapondo-se à mera transmissão/depósito de conteúdos, como nos sugere Freire (2005).

Contudo, sabemos que, em contexto latino-americano, marcado pelo colonialismo, o rompimento com a imposição e submissão não é tarefa simples, haja vista que historicamente sofremos um processo de dominação na tensa relação que se deu com os colonizadores. Diante de tal configuração histórica, para Dussel (1998) é preciso pensarmos o que significa, afinal, ser latino(a)-americano(a). Indaga-se, por isso, sobre “o que é que me define e me distingue de todo outro grupo humano? Como poderia explicar meu ‘sentido’, meu mundo, meu projeto, as mediações que conduzem à sua realização?” (DUSSEL, 1998, p. 33).

Por sua vez, Octavio Ianni afirma que:

Na América Latina, a Nação parece encontrar-se sempre em formação. Não está no começo, avançou muito, mas continua a articular-se e rearticular-se, buscando o seu lugar. Quase todos os países contam com várias, ou muitas, constituições em sua história. Tiveram que começar de novo, recomeçar muita coisa, ou tudo. Os golpes, os surtos de autoritarismo, as ditaduras perpétuas povoam a história. A democracia floresce e fenece.

O povo continua a formar-se, se compreendemos que povo é uma coletividade de cidadãos. O que predomina é a população de trabalhadores, na qual encontram-se camponeses, mineiros, operários, empregados e outros; em geral, compreendendo índios, mestiços, negros, mulatos, amarelos, brancos. Uma população heterogênea, aglutinada ou dispersa, quanto às características culturais, lingüísticas, religiosas e outras. População espalhada e concentrada, na cidade e campo, nesta ou naquela região. Os grupos, classes, sindicatos, partidos, movimentos sociais e correntes de opinião pública estão atravessados pelas diversidades culturais, raciais e regionais. São várias as condições históricas — naturalmente, segundo as peculiaridades de cada país — que dificultam ou distorcem a metamorfose da população de trabalhadores em um povo de cidadãos; pessoas que pertencem e sentem-se pertencer à sociedade nacional (IANNI, 1988, p.34).

De acordo com Paulo Freire (1989) as condições impostas pelo nosso processo de colonização não favoreceu a consolidação de uma sociedade democrática. Segundo o autor:

Faltou aos colonos que para cá se dirigiram, ânimo fundamental, que teria dado, possivelmente, outro sentido ao desenvolvimento de nossa colonização. Faltou-lhes integração com a colônia. Com a

terra nova. Sua intenção preponderante era realmente a de explorá-la. A de ficar “sobre” ela. Não a de ficar nela e com ela. Integrados. Daí, dificilmente virem animosos de trabalhá-la. De cultivá-la (FREIRE, 1989, p. 68).

Com efeito, dentre outros prejuízos que marcaram nossa formação, vimos emergir o preconceito racial, advindo especialmente das relações escravistas que se engendraram no contexto colonial e imperial, mas que se arrastra, de modo oculto e visível, até os dias hodiernos. Contudo, como salienta Ianni: Não é ironia e nem é injusto dizer que alguns autores brasileiros vêem a questão racial da janela, desde longe ou desde o alpendre da casa-grande (IANNI, 2004, p. 12).

Tendo em vista tais alerta, se buscamos nos acercar da realidade da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, temos que, segundo Soares (2014):

Em relação ao perfil familiar dos estudantes de licenciatura no que se refere ao número de membros na família, à ocupação profissional, à renda e à escolaridade, os dados revelaram que a maioria dos entrevistados pertence a famílias com menos de três filhos, que mais da metade de pais e mães exercem funções profissionais que não demandam escolarização; que quase a totalidade das famílias têm renda abaixo de 5 salários mínimos; que praticamente a totalidade dos avós não tiveram acesso ao ensino superior; que 27,53% das mães e apenas 8,9% dos pais ingressaram na universidade (SOARES, 2014, p. 457-458).

Assim, ressaltamos que, consoante consta no Projeto de Desenvolvimento Institucional da Universidade (2012 – 2016) a missão da UFVJM é “promover o desenvolvimento científico, econômico e sócio-cultural da sua região, assegurando o ensino de qualidade em diferentes áreas do conhecimento, respeitando a natureza, inspirado nos ideais da democracia, da liberdade e da solidariedade” (p.14).

Sobre o histórico da UFVJM, destaca-se que a Faculdade de Odontologia de Diamantina, fundada setembro de 1953 por Juscelino Kubitschek de Oliveira acabou tornando-se a semente da qual germinaria a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Conforme consta no site da universidade, no dia 17 de dezembro de 1960, foi transformada em Faculdade Federal de Odontologia (Fafeod) e, no dia 4 de outubro de 2002, pautada na busca pela excelência em ensino e apoio à comunidade

regional, tornou-se Faculdades Federais Integradas de Diamantina (Fafeid). Neste contexto passou a oferecer, além de Odontologia, os cursos de Enfermagem, Farmácia, Nutrição e Fisioterapia, na área de Ciências da Saúde, e de Agronomia, Engenharia Florestal e Zootecnia, nas Ciências Agrárias (DISPONÍVEL EM: http://www.ufvjm.edu.br/universidade/historia.html?lang=pt_BR.utf8%2C+pt_BR.U).

A transformação em Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM em ocorreu em 8 de setembro de 2005, por meio da Lei 11.173. Sobre tal processo, consta no site da universidade que:

A implantação da universidade nos referidos Vales representou a interiorização do ensino público superior no estado de Minas Gerais, possibilitando a realização do sonho da maioria dos jovens aqui inseridos de prosseguir sua formação acadêmica. **Além disso, a Instituição destaca-se por sua importância para o desenvolvimento econômico e sociocultural da região, através da geração de emprego e renda e da redução da desigualdade social existente no país** (DISPONÍVEL EM: http://www.ufvjm.edu.br/universidade/historia.html?lang=pt_BR.utf8%2C+pt_BR.U, grifo nosso).

Na atualidade a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha conta com diversos cursos de graduação presenciais, a saber: Licenciatura em Química, Sistemas de Informação, Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Licenciatura em Matemática, Serviço Social, Medicina, Agronomia, Engenharia Florestal, Zootecnia, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Ciências Biológicas (Licenciatura), Educação Física (Licenciatura), Educação Física (Bacharelado), Nutrição, Odontologia, Bacharelado em Humanidades, Bacharelado em Turismo, Licenciatura em Geografia, Licenciatura em História, Licenciatura em Letras/Espanhol, Licenciatura em Letras/Inglês, Licenciatura em Pedagogia, Licenciatura em Educação do Campo (LEC), Ciência e Tecnologia, Engenharia de Alimentos, Engenharia Química, Engenharia Mecânica, Engenharia Geológica, Ciências e Tecnologia, Engenharia Civil, Engenharia Hídrica, Engenharia de Produção, Ciências Agrárias, Engenharia Agrícola e Ambiental e Medicina Veterinária. Além de cursos de graduação a distância: Administração Pública, Química (Licenciatura), Física (Licenciatura) e Matemática (Licenciatura). Por fim,

destaca-se a presença de cursos de pós-graduação lato sensu (presenciais e a distância) e stricto sensu.

Entendemos, por conseguinte, que tal instituição tem oferecido uma importante contribuição para a região, colaborando para reverter a situação histórica de exploração.

Considerações finais

No presente artigo buscamos apresentar o contexto social e educacional dos Vales do Jequitinhonha. Buscamos, sobretudo, fugir do lugar comum que destaca apenas as mazelas da presente região. Para tanto, destacamos suas riquezas culturais e artísticas. Ademais, buscamos situar a região, explicitando que os desafios que se apresentam a ela é fruto de tramas históricas que marcaram a exploração da região.

Ao enforçar as questões educacionais e culturais, ao fazer a análise do simbólico título de “Vale da Miséria”, nomeação atribuída pela ONU e ao contrapormos o documentário “Escolarizando o Mundo”, objetivamos desconstruir o discurso ideológico escolar, sobretudo o discurso instrumental, neoliberal. Entendemos que a perspectiva instrumental ao dirigir aos sujeitos sociais uma educação centrada na lógica do progresso e do desenvolvimento, não dialoga com as tradições e saberes, não reconhece os saberes, e fere o princípio da inclusão social, pois o que de fato faz é manter a hegemonia do discurso capitalistas, urbano, desenvolvimentista, pelo qual as relações de dependência e exploração social dos países “colonizadores”, ainda, se mantém.

Por fim, encerramos apontando para a relevância da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, que nascida e ampliada no programa REUNI, visa garantir o acesso, a inclusão e a permanência e a educação de qualidade aos que historicamente foram mantidos e feitos desiguais (ARROYO, 2010). Entendemos que a UFVJM tem um papel social fundamental no sentido de contribuir para o desenvolvimento da região. No entanto, é preciso colocar em análise os sentidos dirigidos ao conceito de desenvolvimento, pois ele não pode fazer silenciar as vozes, os saberes, as culturas impondo sobre elas um único modo de ocupar e

significar os espaços. Motivo pelo qual, neste artigo, discutimos o papel da educação em resguardar a diversidade cultural e simbólica que faz o Vale ser rico e que procura desconstruir a noção de pobreza e esse modelo de escolarização, que coloca em risco a diversidade e a multiplicidade de culturas.

Referências:

APGAUA, Renata. Rastros do outro: notas sobre um mal entendido. **Revista Antropologia em primeira mão**, UFSC, 2004.

ARRAYO, Miguel. Política educacional e desigualdades: a procura de novos significados. **Edu. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1381-1416, out.-dez.

COSTA, Everaldo Batista da. **A dialética da construção destrutiva na consagração do patrimônio mundial: o caso de Diamantina (MG)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-05022009-150209/>>. Acesso em: 2015-01-02.

_____. Da valorização do espaço à fragmentação articulada do território urbano: A cidade histórica para além dos limites do tombamento- O caso de Diamantina. **GEOUSP: Espaço e tempo**, São Paulo, n. 28, pp.09-32, 2010.

DAGLISH, Lalada. **Tradição e Identidade na Cerâmica Popular do Vale do Jequitinhonha**. Disponível em: <http://abca.art.br/n33/12lalada.html>. Acesso em: 03 de novembro de 2016.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DUSSEL, E. D. A pedagogia latino-americana (a Antropologica II). In DUSSEL, E. D. **Para uma ética da libertação latino-americana III: Erótica e pedagógica**. São Paulo: Loyola, Piracicaba: UNIMEP, 1998.

_____. **Filosofía Ética Latinoamericana: de la erótica a la pedagógica de laliberación**. Vol. 6/III. México: Ed. Edicol, 1977.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia do oprimido**. 40ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e

Terra, 1978.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Antropologia e educação: Origens de um diálogo**. Cad. CEDES, Dez, vol.18, no. 43, 1997.

_____. **Linguagem, cultura e alteridade**: imagens do outro. Cad. Pesquisa. [online]. 1999, n.107, pp. 41-78. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a02.pdf>.

_____. Por uma Antropologia da Educação no Brasil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 2 (62), p. 259-265, maio/ago. 2010

IANNI, Octavio. A questão nacional na América Latina. **Estud. av.**, São Paulo , v. 2, n. 1, p. 5-40, Mar. 1988 .

_____. Octavio Ianni: o preconceito racial no Brasil. **Estud. av.**, São Paulo , v. 18, n. 50, p. 6-20, Apr. 2004 .

LARROSA, J. O Enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: LARROSA, J., LARA, N. P. **Imagens do outro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/ep403/txt3.htm>.

NAKAMURA, Érica M.; MOURA, Anna L. R. de. Problematizando práticas socioculturais na formação inicial de professores: contribuições da terapia filosófica wittgensteiniana. **XVI ENDIPE** - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas, livro 3, 2012.

MIGUEL, Antonio. **Infâncias e pós-colonialismo**. Campinas (SP): Educação & Sociedade, 2014, (no prelo).

_____. Percursos indisciplinados na educação escolar e na Formação de professores: uma contribuição para a desconstrução da educação escolar disciplinar. **XVI ENDIPE** - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas, livro 1, 2012.

_____; VILELA, D. S.; MOURA, A. R. L. de. Desconstruindo a matemática escolar sob uma perspectiva pós-metafísica de educação. **Zetetiké**, Campinas, v. 18, número temático, 2010, p. 129-206.

PAD. Relatório Metodológico. **Pesquisa por Amostra de Domicílios de Minas Gerais**. PAD/MG, 2009.

REGO, Walquiria Leao e PINZANI, Alessandro. **Vozes do Bolsa Família**: Autonomia, dinheiro e cidadania. 2 ed. São Paulo. Ed. Unesp. 2014.

SANTOS, Gilmar Ribeiro ; RODRIGUES, S. G. ; PALES, R. C. . Educação e Desenvolvimento entre as Macrorregiões de Planejamento de Minas Gerais. In: **VI Jornada Internacional de Políticas Públicas**, 2013, São Luís, MA. VI Jornada

Internacional de Políticas Públicas, 2013.

SILVA, Adriana Alves da. **A estética da infância no cinema**: poéticas e culturas infantis. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação (FE), Unicamp, Campinas, 2014a.

SILVA, Adriana. I. Infância roubada: feminismo, memórias e poéticas da resistência. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart (Coord.) Pesquisa com crianças pequenas, infâncias e perspectivas feministas: políticas e poéticas da resistência. **Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias (GRUPECI)**: Ética e Diversidade na Pesquisa. 24 a 27 de setembro de 2014, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás. p.1-50. Disponível em: <http://www.grupeci.fe.ufg.br/up/693/o/TR43.pdf>.

SOARES, Geralda Chaves.vale do jequitinhonha: um vale de muitas culturas. **Cad. hist.**, Belo Horizonte, v. 5, n. 6, p. 17-22, jul. 2000, p. 17-22.

SOARES, Ademilson de Sousa. A formação do professor da Educação Básica entre políticas públicas e pesquisas educacionais: uma experiência no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro , v. 22, n. 83, p. 443-464, June 2014.

SOUZA, J. V. A. . Fontes para uma reflexão sobre a história do Vale do Jequitinhonha. UNIMONTES Científica , Montes Claros, v. 5, n.2, p. 107-120, 2003.

Filmografia

BLACK, Carol. Escolarizando o mundo- o último fardo do homem banco. EUA, Índia, 2010, 65 min.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 05/2018

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.